

## “Projeto Inumeráveis”: luto e memória em tempos de pandemia de Covid-19 no Brasil

### *“Projeto Inumeráveis”: grief and memory in Covid-19 pandemic times in Brasil*

#### **Resumo**

O artigo investiga o Inumeráveis, memorial digital que homenageia as vítimas de Covid-19 no Brasil, buscando compreender como as mediações da tecnicidade e das narrativas, constitutivas do projeto, constroem memórias coletivas e experiências de luto em relação à pandemia. Parte-se de uma discussão transdisciplinar sobre os conceitos de luto e memória, atravessados pela perspectiva comunicacional e de digitalização dos mesmos. Como metodologia, combinam-se duas perspectivas: a arqueologia das mídias e a análise crítica da narrativa. Apresentamos parte do trabalho de escavação e de expedição para compreender as lógicas de produção do projeto, seus criadores, os aspectos estéticos e simbólicos das plataformas digitais, bem como uma síntese interpretativa da análise de 26 textos tributos do memorial. Como resultados, destacamos as diferentes manifestações do trabalho de luto proporcionadas pelo memorial e a construção de uma memória nacional e política a respeito da pandemia.

**Palavras-Chave:** Projeto Inumeráveis. Covid-19. Narrativas de luto. Construção de memória. Mediações.

\* Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Contato: liliane.brignol@ufsm.br

\*\* Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Contato: sabrinarcaceres@gmail.com

Recebido em: 24/11/2023 Aceito em: 29/01/2024

## Abstract

*This article investigates Inumeráveis, a digital memorial that seeks to honor the victims of Covid-19 in Brazil, in order to know how the mediations of technicity and narratives, constitutive of the project, build collective memories and experiences of mourning in relation to the pandemic. The article starts with a transdisciplinary discussion about the concepts of grief and memory, crossed by the communicational perspective and digitalization. In the methodology, we combine two perspectives: media archeology and critical narrative analysis. We present part of the excavation and expedition work to know the project's production logic, its creators, the aesthetic and symbolic aspects of digital platforms, and an interpretative synthesis of the analysis of 26 texts tributes of the memorial. As a result, we highlight how the memorial provides different manifestations of the grief work and the construction of a national and political memory about the pandemic.*

**Keywords:** Projeto Inumeráveis. Covid-19. Mourning narratives. Memory building. Mediations.

## Introdução

No final do ano de 2019, um vírus desconhecido surgiu na cidade de Wuhan, na China. A doença com sintomas gripais preocupou cientistas e pesquisadores da área, muitas comparações foram feitas com a H1N1 de 2009<sup>1</sup>, com a SARS-CoV de 2003<sup>2</sup> e com a própria gripe de 1918 (ou gripe espanhola). Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou emergência global por causa do vírus, mas em outros lugares a doença era vista como algo superdimensionado, como aqui no Brasil. Essa visão se alterou, em certa medida, quando a Itália sofreu com uma crise sanitária causada pelo novo vírus. Ao

---

1 Combate à epidemia de H1N1: um histórico de sucesso: <[2 As diferenças e semelhanças entre outros coronavírus e o Sars-CoV-2: <\[\\*O que nos faz pensar\\*, Rio de Janeiro, v.31, n.52, p.23-46, jan.-jun.2023\]\(https://saude.abril.com.br/medicina/as-diferencas-e-semelhancas-entre-o-sars-cov-2-e-outros-coronavirus/></a>.</p>
</div>
<div data-bbox=\)](https://cee.fiocruz.br/?q=node/1314#:~:text=Em%20mar%C3%A7o%20de%202009%2C%20autoridades,anos%20de%201918%20e%201920.></a>.</p>
</div>
<div data-bbox=)

longo do mês de fevereiro de 2020 o mundo acompanhou o drama italiano<sup>3</sup>. No mesmo mês, a doença chamada de SARS-CoV-2, mais conhecida como Covid-19 ou novo coronavírus, chegou ao Brasil e tivemos o primeiro caso da doença de um homem vindo da Itália e, em março, a primeira vítima fatal no Brasil<sup>4</sup>: uma mulher negra, empregada doméstica<sup>5</sup>, infectada pelos patrões. Começava uma fase de medo, dúvidas e muitas perdas para os brasileiros.

Passados quase quatro anos do início da pandemia, mesmo com o surgimento da vacina, a redução dos casos e a declaração do fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à COVID-19, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em maio de 2023, a doença segue presente em nosso cotidiano e muitas mudanças (não apenas nos protocolos sanitários) foram operadas desde então. Entre elas, destacamos aqui a necessidade de se lidar com as perdas, com impacto até então impensado. A perda da rotina, da convivência com as pessoas, a perda da liberdade, e a enorme perda de vidas.

A ideia de ruptura trazida neste contexto, especialmente ligada à morte nas culturas ocidentais, costuma ser difícil de lidar para muitas pessoas. Agravada, neste contexto, a morte generalizada, pela mesma causa, de milhares de vítimas ao redor do mundo, exigindo ressignificar até mesmo o processo de luto no qual a tristeza toma conta e perdura por um tempo que não se consegue medir ou entender, mesmo havendo ritos e cerimônias para que a despedida possa ser amenizada. Como afirma Traverso (2012), “as sociedades humanas possuíram, sempre e em todo lado, uma memória coletiva mantida através de ritos, cerimônias e mesmo políticas. As estruturas elementares da memória coletiva residem na comemoração dos mortos” (TRAVERSO, 2012, p. 15), ou seja, para seguirmos construindo a vida em sociedade, é necessário realizar esses rituais e transformar essa perda em uma memória que pode sempre ser revisitada.

---

3 Itália detectou há um mês o primeiro contágio local da Covid-19. Agora vive a pior crise desde 1945: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-23/italia-detectou-ha-um-mes-o-primeiro-contagio-local-da-covid-19-agora-vive-a-pior-crise-desde-1945.html>>.

4 Primeira morte por coronavírus no Brasil aconteceu em 12 de março, diz Ministério da Saúde: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml>>.

5 Primeira vítima da Covid-19 no Brasil foi uma empregada doméstica: <<https://camtra.org.br/lembrar-para-nao-esquecer-primeira-vitima-da-covid-19-no-brasil-foi-uma-empregada-domestica/>>.

Entre março de 2020 e março de 2022, mais de 699 mil brasileiros perderam a vida para o coronavírus, entrando para as estatísticas epidemiológicas do país. Durante o início da pandemia era difícil assimilar os fatos através de gráficos que apontavam a “evolução” nos números de casos, de internações e de mortes, trazidos em especial pela cobertura televisiva. Na contramão da narrativa midiática de dados, destacam-se alguns projetos voltados para o histórico das vítimas, entre eles o projeto *Inumeráveis*, uma iniciativa que se propôs a fazer com que as vítimas da Covid-19 continuassem a existir através de suas histórias.

O *Inumeráveis*, lançado em 29 de abril de 2020, defende a bandeira de que não se pode tratar como números as vítimas, cujas histórias são contadas a partir de relatos e memórias de seus familiares e amigos. Esses textos completos ficam hospedados em um site<sup>6</sup>. Trechos deles são postados em um perfil no Instagram<sup>7</sup> e em uma página no Facebook<sup>8</sup>, em formato de prosa poética, numa narrativa em tom bastante sensível, com destaque para aspectos particulares da vida dos homenageados. O projeto, obra do artista Edson Pavoni, se descreve como “memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil”. Num trabalho em parceria, somam-se oito os autores de *Inumeráveis*, além de voluntários, em sua maioria jornalistas e escritores, que contribuem na construção das histórias das vítimas.

São diversas as questões que circundam o *Inumeráveis*. Destacadamente, trata-se de uma iniciativa que surge logo no início da pandemia, em um contexto complexo e cercado de muitas incertezas. Ao mesmo tempo em que tinha como objetivo ser um memorial digital, trazia o luto particular de amigos e familiares das vítimas e o tornava público. Também podemos observar a questão da memória, do esforço para a rememoração das histórias das vítimas, numa perspectiva contra o esquecimento gerado pelos números e pelas estatísticas acerca das mortes, tanto por parte da narrativa midiática tradicional quanto pelos dados oferecidos por epidemiologistas e, principalmente, pelo discurso trazido pelo governo federal.

A partir desse cenário, a pesquisa que fundamenta este artigo busca compreender como o projeto *Inumeráveis*, a partir de mediações comunicacionais identificadas como centrais neste processo, vem configurar um ambiente

---

6 Site do *Inumeráveis*: <<https://inumeraveis.com.br/>>.

7 Perfil do *Inumeráveis* no Instagram: <<https://www.instagram.com/inumeraveismemorial/>>.

8 Página do *Inumeráveis* no Facebook: <<https://www.facebook.com/inumeraveismemorial/>>.

de construção de memória e de narrativas de luto. Entre os nossos objetivos inclui-se a análise do memorial, na busca de compreender de que modo as mediações da tecnicidade e das narrativas, ao se entrelaçarem, constroem memória e atuam no processo de elaboração do luto. Além disso, pretende-se observar que tipos de narrativas o memorial digital possibilita, identificar os personagens constitutivos das narrativas e o que eles comunicam.

O Inumeráveis, como objeto empírico, possui muitas camadas, com vários ângulos possíveis de análise, o que exige a combinação de diferentes perspectivas metodológicas. Para organizar a análise, as mediações da tecnicidade e da narrativa são entendidas como instâncias articuladas em que se configura o objeto. Para pensar a tecnicidade, refletimos com base na abordagem da Arqueologia das Mídias, a partir de Jussi Parikka e Erkki Huhtamo (2011), Gustavo Fischer (2013) e Márcio Telles (2018). Desse modo, descrevemos as plataformas digitais em que o projeto se inscreve, suas respectivas operações, o tipo de conteúdo veiculado e a relação estabelecida com suas lógicas de produção. Para analisar as narrativas, propomos uma adaptação da Análise Crítica da Narrativa, inspirada na perspectiva proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013).

Neste artigo, apresentamos uma síntese da análise de pesquisa completa<sup>9</sup>. Assim, também trazemos um recorte da discussão teórica, focada nos conceitos centrais debatidos. Na primeira parte, refletimos acerca de morte, luto e memória na pandemia de Covid-19. Na segunda seção, tensionamos as mediações e a relação com o memorial digital. Depois, passamos à análise propriamente dita. Expomos parte do trabalho de escavação e de expedição para compreender as lógicas de produção do projeto, seus criadores, os aspectos estéticos e simbólicos das plataformas digitais, bem como uma síntese interpretativa da análise de 26 narrativas, propostas como textos tributos no memorial.

### **Morte, luto e memória na pandemia de Covid-19**

Desde o surgimento do *homo sapiens*, a experiência da morte continua sendo um peso para a criatura humana. Segundo Edgar Morin (1973), uma das “novidades” que o sapiens traz é a sepultura. Para o autor, os túmulos mais antigos de que temos notícia datam de 35, 40 e 45 mil anos atrás, e mostram não só a intenção de proteger os vivos da decomposição do corpo, mas a

---

9 Desenvolvida como dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria.

existência de ritos ou cerimônias que sugerem a espiritualidade. Já foram encontrados restos mortais em posição fetal, o que indica a crença no renascimento, ossos com resíduos de pólen, o que sugere o uso de flores para um cerimonial fúnebre, a pintura dos ossos com ocre, o que pode indicar uma cerimônia após atos canibais ou um funeral após a decomposição, e ainda armas e suprimentos, o que indica a preocupação com as necessidades da vida após a morte (Ibidem, p.93-94). Recentemente, temos notícia de um caso mais antigo, com data estimada de 78.300 anos<sup>10</sup>: o túmulo de Mtoto, uma criança que foi encontrada em uma caverna no Quênia com indícios de ritual fúnebre, utilizando-se uma espécie de mortalha para proteger o corpo.

Morin (1973) apresenta a ideia de que a morte passa a ser reconhecida não apenas como um fato biológico, mas sentida como uma perda e “concebida como transformação de um estado noutro estado” (Ibidem, p.94). A morte estabelece uma “brecha antropológica”, o que permite o reconhecimento, como indivíduos, da função dos rituais, da preservação da memória, e também da presença do tempo. O autor afirma que é nesse momento que “se descortina a presença do tempo no seio da consciência. A ligação de uma consciência de transformações, de uma consciência de imposições, de uma consciência do tempo [...]” (Idem).

A partir desse reconhecimento da morte, da perda e do tempo, os rituais se tornam extremamente importantes para obter o que Morin chama de “consciência da brecha mortal” (Ibidem, p.96).

*Os ritos da morte exprimem, reabsorvem e exorcizam um traumatismo provocado pela ideia da redução ao nada. Os funerais, [...] traduzem ao mesmo tempo uma crise e o ultrapassamento da crise, por um lado, a dilaceração e a angústia e, por outro lado, a esperança e a consolação. (MORIN, 1973, p.95)*

Então, entende-se a morte, ao mesmo tempo, como trauma e como superação. Um movimento de duas vias onde, a partir dos rituais, primeiro se afasta com o trauma e depois se reaproxima com a superação, ressignificando a perda. Morin (1973) completa: “entre a visão objetiva e a visão subjectiva existe, pois, uma brecha que a morte abre até a dilaceração, e que é preenchida pelos mitos e pelos ritos da sobrevivência, que, finalmente, integram a morte” (Ibidem, p.96).

---

10 Mais antigo sepultamento do homem moderno é descoberto no Quênia. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/ciencia-e-saude/2021/05/4922538-mais-antigo-sepultamento-do-homem-moderno-e-descoberto-no-quenia.html>>.

Segundo Caputo (2008), as culturas procuram “respostas nos mitos, na filosofia, na arte e nas religiões, buscando assim pontes que tornassem compreensível o desconhecido a fim de remediar a angústia gerada pela morte” (CAPUTO, 2008, p.73). O autor traz exemplos como o dos mesopotâmicos, que encaravam a morte como uma passagem do mundo da vida para o mundo da morte. No sepultamento eram colocados os pertences da pessoa, para que não lhe faltasse nada na travessia. Os gregos eram cremados, mas, enquanto as pessoas comuns eram incineradas e enterradas em valas coletivas, os heróis eram queimados na pira em um ritual que os tornava imortais. Para o povo hindu também é importante cremar seus mortos, no sentido de se juntar com o absoluto e alcançar a paz originária. Para os cristãos e para os judeus, que creem em ressurreição, a morte é o caminho para outra dimensão, a do paraíso ou a do inferno. É por esperar pela volta que os corpos são enterrados com extremo cuidado, a fim de também refutar a ideia de um fim absoluto.

Milena Freire (2006) aponta que a negação da morte, intrínseca à sociedade ocidental contemporânea, não é mais suficiente para enfrentar esse fato inevitável. Nega-se a morte e vive-se como se ela não existisse. Essa reflexão nos traz de volta à pandemia, pois a partir do momento que um vírus com potencial mortal, sem um tratamento comprovado, sem vacina (até janeiro de 2021), sem medicamentos que pudessem curar, a morte passou a rondar a todos mais de perto. A morte que tinha se tornado “indizível”, como classifica Freire (2006, p.29), se tornou algo presente no nosso dia a dia.

Além da morte trágica das vítimas da Covid-19, com o sofrimento da perda intensificado pela fato de não se poder despedir-se do ente querido devido às restrições da pandemia, temos uma segunda morte: a morte do nome. Há uma morte simbólica no processo de perder o nome para virar um número, como uma perda da identidade de quem morreu, o que, para o enlutado, pode ser devastador. Neste sentido, o Projeto Inumeráveis faz o papel de honrar o nome, a identidade e a história dos que se foram.

Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013) definem o luto, a partir de Freud, como “a perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu objeto, portanto um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano” (CAVALCANTI, SAMCZUK, BONFIM, 2013, p.88). O luto é causado pela perda do objeto amado, o qual pode ser uma pessoa, um emprego, um animal de estimação, entre outras possibilidades. Essa perda pode se dar não apenas através da morte física, pois é a perda do laço, do elo, real ou simbólico, que ocasiona o luto. Ao pensarmos na pandemia, vivenciamos diferentes lutos por diferentes perdas, como a da rotina de interação no trabalho, com os

amigos, com a família. Experimentamos a perda da possibilidade de exercer a própria liberdade de ir e vir, a perda do emprego, o fim de relacionamentos, e especialmente a perda de pessoas amadas, conhecidas, famosas ou estranhas.

A partir da perda se inicia o processo de elaboração que, segundo os especialistas, consiste no “desligamento da libido a cada uma das lembranças e expectativas relacionadas ao objeto perdido e, por isso, é considerado um processo lento e penoso” (Ibidem, p.94). Esse é o trabalho de luto, que seria o processo de se desligar do objeto perdido e se voltar para a realidade, colocando a libido, ou energia, em um novo objeto. Esse processo é chamado de trabalho, já que há uma dedicação interna no indivíduo para conseguir compreender o acontecimento e absorver a nova realidade sem o objeto perdido.

Diante da complexidade da elaboração e do trabalho de luto, é necessário entender que esse processo se torna ainda mais complexo durante a pandemia. É por isso, como vimos, que as sociedades e seus povos criaram ritos para que os mortos fossem celebrados. Porém, no contexto do início da pandemia, a despedida como a conhecemos não foi possível, deixando o processo de elaboração e trabalho de luto em aberto. Ao homenagear quem morreu e fazer o papel de permitir a expressão de luto, o Inumeráveis ajuda a transformar a dor e a saudade do enlutado em tributo à pessoa falecida que, de fato, nunca estará perdida. Quando se perde uma pessoa amada, ela não se vai por completo, será sempre acionada através das memórias que deixou, o que Dunker (2019) conceitua como luto infinito.

A memória é um pilar fundamental ao projeto Inumeráveis, desde o seu objetivo de ser um memorial digital, ao acionar as memórias individuais e comuns aos familiares e amigos, até se constituir como um meio de construção da memória coletiva. A memória tem inúmeras funções, não apenas para o Inumeráveis, o que a torna um conceito amplo e aberto, como aponta Aleida Assmann (2011, p.22). Para esse artigo pensamos a memória como conformadora de identidades e, conseqüentemente, de sociedades.

Mônica Rebecca Ferrari Nunes (2016) dialoga com essa perspectiva quando diz que:

*seja como sistema neurobiológico, químico, psíquico, cognitivo, isto é, como faculdade individual, seja como expressão das sociedades e culturas humanas, o trabalho da memória jamais será o resgate de um dado estante, mas a recuperação processual e dinâmica, uma construção sobre as*

*imprecisões e os escombros do tempo vivido. A memória, em seus tantos estratos, redesenha liames e limites esgarçados entre natureza e cultura, indivíduo e sociedade (NUNES, 2016, p.149).*

O ponto de vista de Nunes (2016) reforça a perspectiva de que a memória não é algo fechado, mas construída a partir do que se vive, do que se experimenta. Compreendê-la como um processo comunicativo sociocultural e emocional, como fez Nunes (2016), pode ser interessante também para pensar o Inumeráveis. Entendemos que essa perspectiva também se comunica com o que Jan Assmann (2016) aponta sobre a relação entre memória e identidade. O autor explica que a memória é sobre si, sobre a sua identidade, então “memória [...] é a identidade diacrônica própria de alguém, seja como indivíduo ou como membro de uma família, uma geração, uma comunidade, uma nação ou uma tradição cultural e religiosa” (ASSMANN, 2016, p.122). Por se configurar uma relação mútua, há que se recordar para pertencer a algum lugar, alguma comunidade, e ao mesmo tempo há que se pertencer para poder construir a própria memória como indivíduo e de seu grupo.

Para a memória poder ser preservada são necessários meios, assim é que a memória foi/é “gravada” nos meios de comunicação, nos rituais, em performances. Aleida Assmann (2011) chama esses meios de mídias de memória. A autora parte da ideia da escrita como base para toda a preservação de memória, o que ajuda a olhar também para a importância de nosso objeto de pesquisa. A escrita, fundamental para a memória, segundo Le Goff (1990), possibilitou um grande avanço para a memória em termos coletivos, com a “celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória assume, então, a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia” (LE GOFF, 1990, p.431).

Essa questão tem relação com a possibilidade de recordar e comemorar os mortos. O autor se refere às estelas funerárias, mas podemos pensá-la no contexto do Inumeráveis pois o projeto se coloca como um memorial, ou seja, algo feito para perdurar e transmitir uma mensagem, assim como as estelas funerárias preservam histórias e conquistas.

Por vezes, o ato de preservar ou contar histórias e conquistas é um ato de justiça pela pessoa que se foi e também pode fazer parte do trabalho de luto, como acontece no Inumeráveis. Neste aspecto, o conceito de “dever da memória”, tal como proposto por Paul Ricoeur (2007), se conecta com o nosso objeto de pesquisa, ao apontar a dimensão política de uma ação que busca preservar as memórias em torno da pandemia. O autor fala que “o dever da

memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não a si” (RICOEUR, 2007, p.101). Esse ímpeto de fazer justiça pelas vítimas de Covid-19, honrar suas trajetórias, é algo bastante presente no projeto. O dever da memória e o escrever do presente e do passado deixam de ser apenas tarefa dos intelectuais. Cada indivíduo faz o possível para narrar esta história, ao legitimar a sua perda.

### O desafio das mediações para a análise do Inumeráveis

Compreendemos as mediações da tecnicidade e das narrativas, com base na perspectiva de Jesús Martín-Barbero (2018), como dimensões comunicacionais organizativas dos sentidos construídos no projeto Inumeráveis. As duas mediações, em nossa pesquisa, são entendidas como instâncias que ajudam a organizar nossas análises e categorizações.

A partir da mediação da tecnicidade, são pensadas as lógicas de apropriação e produção, a dimensão técnica que configura as plataformas digitais do projeto, suas linguagens e dinâmicas de circulação do conteúdo. É a partir da apropriação e dos usos das mídias sociais digitais que se faz possível a disputa de narrativas para contar o mesmo fato: a morte de milhares de brasileiros pelo coronavírus. Com a pandemia da Covid-19, há estimativas de que a utilização das plataformas de mídias sociais tenham se intensificado em torno de 40%<sup>11</sup>, pois trabalho, estudos e até as confraternizações entre amigos e famílias passaram a acontecer através das telas. Com as tarefas do dia a dia remodeladas para serem desenvolvidas via internet, as manifestações também tiveram que se adequar. Dessa forma, os brasileiros se posicionaram, até o fim das restrições de distanciamento social, através de postagens em seus perfis no Facebook, no Instagram, no Twitter, no TikTok, entre outras redes.

No contexto da pandemia, as conexões via mídias sociais passaram a ser, para boa parte da população, o único modo pelo qual a comunicação se daria, devido ao distanciamento social exigido naquele momento. As conexões pela internet assumiram um caráter ainda mais incorporado, corporificado e cotidiano (HINE, 2015) para milhares de pessoas ao redor do mundo, o que situa a importância de uma iniciativa totalmente organizada a partir da mediação das tecnologias digitais.

---

11 Como válvula de escape na quarentena, redes sociais crescem no mundo <<https://exame.com/tecnologia/como-valvula-de-escape-na-quarentena-redes-sociais-crescem-no-mundo/>>.

Para a análise das técnicas constituintes do Inumeráveis, valemo-nos da arqueologia das mídias, pois oferecer uma perspectiva aberta, que possibilita a criatividade e a experimentação no que se refere ao agir arqueológico e na coleta de dados. Como afirmam Huhtamo e Parikka (2011), “a arqueologia das mídias vasculha arquivos textuais, visuais, sonoros; assim como coleções de artefatos, enfatizando tanto as manifestações discursivas como materiais da cultura” (HUHTAMO e PARIKKA, 2011, p.03, tradução nossa).

É necessário ser criativo com relação aos procedimentos e isso se cria fazendo esses resgates e atualizações, as idas e vindas ao objeto, olhando-se de dentro e de fora. Telles (2018) diz que o potencial da arqueologia das mídias talvez esteja na “indefinição” e nas possibilidades que a abordagem nos dá: “como um conjunto de abordagens bastante jovem, sua potência talvez esteja em sua indefinição – cabe a nós, pesquisadores, decidir o que fazer com elas” (TELLES, 2018, p.113). Foi isso que fizemos em nossos movimentos de escavação (olhar atento ao objeto) e expedição (uma exploração na órbita do objeto).

Em outro eixo de análise, em todas as faces do objeto empírico estão as narrativas, moldando e mediando os sentidos que são socialmente construídos no Inumeráveis. Propostas pelos idealizadores do projeto como “textos tributo”, as narrativas adquirem um papel central como responsáveis por configurar, registrar e fazer circular as histórias de vida e de morte das vítimas da pandemia. Narrativa é um conceito com diversas abordagens, sobre o qual não há consenso, mas estará cercado de disputas, envolto em grande complexidade. No jornalismo, na literatura, na semiótica, a narrativa já foi e é trabalhada de formas diferentes. E como nossa reflexão é alicerçada em Jesús Martín-Barbero, trabalhamos a narrativa como uma mediação.

Silva e Baseio (2019) fazem uma reflexão sobre as narrativas como mediação na perspectiva de Martín-Barbero e a forma como atravessam todas as instâncias do cotidiano da sociedade. Antes de introduzir as narrativas, as autoras iniciam a reflexão a partir da técnica dizendo que essa mediação se conecta com muitas formas de “argumentar, expresar, crear y comunicar por medio de formas materiales”. Essas expressões, esses meios de comunicar estão ancorados na linguagem, e “el lenguaje es uno de los aspectos comunes en las mediaciones ‘narrativas y técnicas’” (SILVA e BASEIO, 2019, p.172).

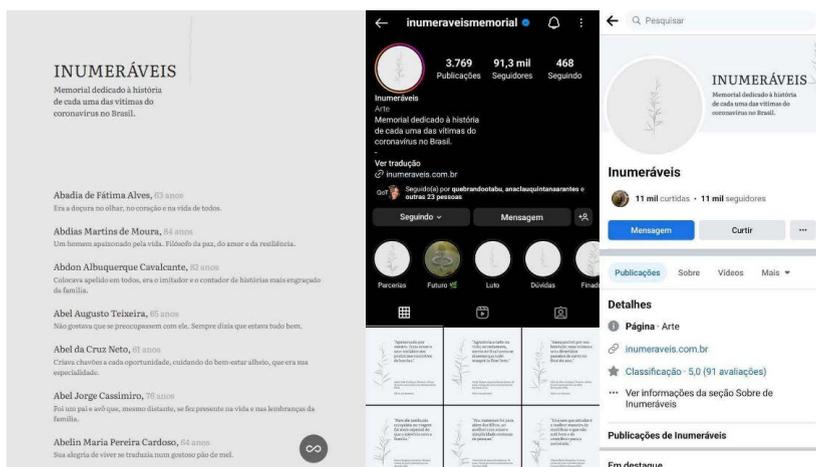
Com novas práticas sociais, novas narrativas surgem, como vemos surgir no caso do nosso objeto empírico. O Inumeráveis foi criado para se contrapor às narrativas da mídia tradicional, às narrativas oficiais dos governos, às narrativas negacionistas, trazendo um tipo de narrativa empática e sensível, textos de homenagem, ocupando o seu espaço dentro das disputas de

narrativas na pandemia. Assim, acreditamos ser um caminho frutífero estudar essas narrativas através da Análise Crítica da Narrativa de Luiz Gonzaga Motta (2013). Desse modo, poderemos compreender as narrativas, seus personagens e como se constroem as narrativas de luto.

## O projeto Inumeráveis e suas plataformas digitais

O Inumeráveis tem como legenda a frase: “não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa”. Assim, o projeto se propõe a contar a história das pessoas que morreram a partir de relatos de familiares, amores e amigos, numa narrativa que o memorial chama de “textos-tributo”. Na figura abaixo (FIG. 1), vemos os layouts das plataformas do memorial.

Figura 1 – Projeto Inumeráveis e suas plataformas



Fonte: Projeto Inumeráveis memorial

Os “textos-tributo” podem ser acessados através do nome da pessoa homenageada. Na página inicial do site os textos aparecem em ordem alfabética, identificando o nome completo das vítimas, a idade e uma frase destaque. Em geral, são narrativas longas, sensíveis, com muitos adjetivos que contam um pouco da personalidade, da vida, dos feitos, das relações da vítima, tanto familiar quanto profissional e, por vezes, a forma como a família encarou a

perda. Quando a análise foi feita, em 16 de janeiro de 2023, o site contava com mais de 9.000 relatos completos sobre as vítimas.

O site apresenta um layout simples, em tons de cinza, a imagem de um pequeno ramo de folhas como identidade visual e, como ícone, o símbolo do infinito. O ramo de folhas remete-se à conexão com a natureza, com a vida, mas acreditamos que, nesse contexto, remeta-se também a um paralelo com as flores que deixamos nos velórios e sepultamentos. O símbolo do infinito busca talvez representar a infinitude das histórias e memórias das vítimas. Além da identidade visual, nas mídias sociais digitais, alguns trechos que simbolizam as vítimas ganham destaque, o que não acontece com todos, porém o projeto não especifica os critérios para a publicação de um texto nas plataformas. Assim, abrem-se brechas para alguns questionamentos: foram publicados nas mídias sociais digitais os relatos que poderiam gerar mais engajamento? A emoção e/ou empatia que algum relato poderia gerar seria parte desses critérios? Afinal, o projeto se adequou aos moldes algorítmicos de Instagram ou Facebook, ou foi apenas mais uma plataforma de divulgação, sem intenções de grande alcance nacional?

Pelo site, jornalistas, familiares ou amigos das vítimas publicam seus relatos, cujos enunciados se subdividem em homenagens dos familiares e narrativas de cunho mais jornalístico. Na sequência, o site redireciona o leitor para um formulário a ser preenchido com dados da vítima, como nome, idade, cidade onde nasceu, onde morreu, informação sobre o tipo de comunidade a que pertencia (indígena, negro, LGBTQIA+ etc). Após isso, o relatante deveria preencher dados sobre si mesmo e enviar a prova de que seu familiar/amigo falecera de Covid-19. No caso de relatos feitos por jornalistas, por exemplo, pergunta-se se há autorização da família para o envio do texto. Todas as informações são posteriormente checadas, segundo o que diz no site, pela equipe de revisão de texto para a verificação da veracidade das informações, a correção da ortografia, dos erros de digitação e adequação do texto às diretrizes de publicação (não há no site nem em outro lugar mais informações sobre essas diretrizes).

Em outra seção do site há um nicho destinado a que pessoas se voluntariem a narrar, um outro reservado a jornalistas, revisores de texto e uma outra seção que convoca jornalistas, escritores e estudantes a redigirem e enviarem suas histórias. Ademais, leem-se frases como “contamos com a ajuda de vocês para cumprirmos nossa missão”, “o mais importante é contar com sensibilidade e delicadeza a história de cada pessoa”, em tom de orientação aos voluntários, de modo que seu texto-tributo se adeque ao projeto. Segundo

a entrevista que Edson Pavoni concedeu ao jornal *El País*<sup>12</sup>, os autores procuram excelência e o memorial é minimalista para que os textos ganhem destaque. Para o artista, a excelência é um sinal de reverência às vítimas.

O mesmo conteúdo é publicado em páginas de Instagram e Facebook, com imagens de fundo cinza claro, um ramo de folhas finas posicionado à esquerda e uma frase de homenagem à direita. É interessante que, apesar de ter uma identidade visual neutra, que não chama atenção entre as outras tantas imagens e vídeos coloridos e chamativos nas mídias sociais digitais, o conteúdo do projeto ganhe destaque e provoque significativa interação entre os internautas (em termos de circulação em outras mídias, além de curtidas, comentários e compartilhamentos). Na verdade, consegue dar a dimensão de diversidade que talvez fosse a intenção do *Inumeráveis*, fugindo a uma certa pasteurização típica das publicações midiáticas.

Além das homenagens, o projeto visa a promover reflexões, rodas de conversa e gerar conhecimento, com conteúdo não restrito apenas aos textos-tributo. Foram inúmeras as vezes em que especialistas de diversas áreas foram convidados a explicar ou trazer informação acerca da pandemia ao público. Houve *lives* e postagens sobre a elaboração do luto, sobre memória, sobre diversidade, sobre afetos, espiritualidade indígena, entre outros temas. Como destaque, o projeto possibilitou a leitura dos textos por atores e atrizes veiculados pelo *Fantástico*<sup>13</sup>, programa televisivo dominical da Rede Globo. Ao longo de todo o programa foram inseridos vídeos de artistas fazendo a leitura de alguns dos textos do memorial.

### O criador do *Inumeráveis* e as lógicas de colaboração

O criador do projeto, Edson Pavoni, segundo a apresentação no site<sup>14</sup>, é “um artista e tecnologista brasileiro pesquisando e propondo novos imaginários para a ideia de conexão”. Seus trabalhos são, principalmente, “instalações interativas na escala arquitetônica em locais públicos que questionam as margens do que é conexão entre pessoas”. Independentemente do formato, Pa-

---

12 EL PAÍS TV entrevista Edson Pavoni, do ‘*Inumeráveis*’ (19 de agosto de 2020): <[https://www.youtube.com/watch?v=PB\\_MGbwXgBo](https://www.youtube.com/watch?v=PB_MGbwXgBo)>.

13 Atores prestam homenagem às vítimas da Covid-19 – 16/08/2020: <<https://globoplay.globo.com/v/8781242/>>.

14 Site Edson Pavoni. Disponível em: <<https://edsonpavoni.art/pt>>.

voni foca seus trabalhos na conexão humana, o que nos dá indícios do que o artista pensava quando criou o projeto e de por que teria utilizado também as mídias sociais digitais além do site.

Segundo o que Pavoni disse em entrevista ao *El País*, seus trabalhos anteriores eram movidos pela iniciativa privada, mas para o Inumeráveis o criador desejava que tudo se configurasse através de trabalho voluntário. De acordo com o relato, a arquitetura do projeto é organizada e conta com reuniões semanais, um grupo de checagem criterioso, editores de texto, revisores e gerenciadores de conteúdo. No site, há uma lista com os nomes ou *users*<sup>15</sup> dos voluntários e, pelo nosso levantamento, em janeiro de 2023, havia cerca de 730 nomes já incluídos, embora não se encontre a informação de quantos ainda prestam seus serviços ao memorial. Todos os voluntários trabalham ou trabalharam de forma remota, pela internet. Então todo o funcionamento se deu através de uma rede de voluntários mediada pelas tecnologias disponíveis para se criar essa conexão de trabalho conjunto, via internet.

A experiência de Edson Pavoni enquanto artista é transdisciplinar, suas obras e a perspectiva social alcançada nos revela que o memorial foi bastante pensado. Pavoni trabalha com arte, tecnologia e conexões humanas, aspectos muito presentes no memorial e que, devido ao contexto da pandemia, ganharam outras roupagens, outros objetivos e outros sentidos. Esse ponto se conecta com a questão da produção de outros conteúdos sinalizados anteriormente, pois nesse movimento, outras pessoas se somaram a Pavoni, como Ana Claudia Quintana Arantes<sup>16</sup> que trouxe discussões importantes sobre o luto, incluídas nas plataformas do projeto.

### As camadas do projeto Inumeráveis

A observação contínua e próxima do objeto empírico por vezes torna o olhar do pesquisador um tanto limitado. Nesse sentido, a perspectiva da arqueologia das mídias (HUHTAMO e PARIKKA, 2011), (FISCHER, 2013) e

---

15 User é o codinome que se usa em mídias sociais digitais, geralmente precedida de arroba “@”.

16 Ana Claudia Quintana Arantes é médica pela USP, tem residência em Geriatria e Gerontologia no Hospital das Clínicas da FMUSP. Fez pós-graduação em Psicologia – Intervenções em Luto pelo Instituto 4 Estações de Psicologia, e especialização em Cuidados Paliativos pelo Instituto Pallium e pela Universidade de Oxford. A médica ganhou destaque pelo livro “A morte é um dia que vale a pena viver”, publicado em 2019, que virou best-seller. Acesso em 23 de fevereiro de 2023: ACQA: <<https://www.acqa.com.br/ana-claudia-quintana-arantes/>>.

(TELLES, 2018) nos auxiliou a observar o Inumeráveis de maneiras diferentes, com os movimentos de escavação e expedição, possibilitando ampliar o nosso olhar analítico.

Abrir um texto e ler sobre o que a família ou amigos dizem sobre determinada pessoa, homenageando-a, também possui semelhança com o ritual do velório. Simbolicamente há um sentido gerado para quem lê, conhecendo a vítima ou não. A questão textual se conecta com a reflexão teórica que fizemos sobre a escrita, como maior e mais durável mídia de memória (ASSMANN, 2011). Talvez com o propósito de se evitar o processo de deterioração da escrita, o memorial se utiliza de textos-tributo e não vídeos ou fotos. Outro motivo seria a carga emocional que a própria narrativa configura, já que não há a exposição de imagem de ninguém. É interessante que, entre os outros tantos conteúdos atrativos no Instagram e no Facebook, o conteúdo do projeto ganhe destaque e provoque interação, mesmo em um formato não priorizado pelas plataformas. O Inumeráveis promove uma troca de experiências, de vivências do luto. Um luto coletivamente compartilhado, no sentido de partilhar o sentimento, fazendo uso das ferramentas digitais. O projeto desperta o luto da instância pessoal para a instância coletiva, tornando uma dor privada, de apenas uma família, uma dor coletiva, a dor de um país que perdeu milhares de cidadãos e cidadãs.

Outra descoberta importante foi entender o processo de inclusão dos colaboradores do Inumeráveis. Uma rede de voluntários que começou com apenas amigos e companheiros e acabou se estendendo até alcançar o número de 730 pessoas em prol do memorial digital. Tudo mediado pelas mídias sociais digitais, num arcabouço que inclui as reuniões, as entrevistas, o trabalho de edição, de revisão etc, realçando a função basilar que as mediações da tecnicidade e das narrativas (MARTÍN-BARBERO, 2018) possuem. Não são somente operadores analíticos, mas também estruturantes e organizativas do Inumeráveis, viabilizando trabalhos desta monta. Durante o isolamento social, um trabalho em conjunto com mais de 700 voluntários, conectando pessoas do Brasil inteiro, só é possível com a apropriação das técnicas das plataformas digitais, com a criação de uma linguagem e um comportamento próprios, desenvolvendo uma identidade, uma logística e um modo de trabalho adequados a homenagear os enlutados e as vítimas da Covid-19. Há uma simbologia grande em toda a construção do memorial, há uma materialização da perda, uma imortalização da memória de cada vítima, um fazer justiça para honrar as vidas perdidas; há também uma rede de acolhimento e empatia que acaba por absorver a função dos velórios presenciais, impossibilitados naquele momento.

## Construção de personagens e a moral das narrativas

Num segundo momento, refletimos sobre os resultados descobertos com base na análise crítica da narrativa (MOTTA, 2013). Através dos procedimentos abordados por Motta (2013), analisamos um corpus com 26 narrativas de tamanhos e abordagens diferentes. As narrativas foram escolhidas de forma aleatória: uma para cada letra do alfabeto; abrimos o texto e identificamos a princípio as informações básicas como gênero, idade, região do país. Em seguida, fizemos leituras dinâmicas a fim de manter uma certa diversidade de profissões, cor da pele, raça, etnia, se fosse possível identificar. Também buscamos priorizar textos de tamanhos e abordagens diferentes: um mais emotivo, outro com mais humor, um outro ainda em tom de reverência, poético. Optamos por buscar essas diferenças para compor nosso corpus, considerando parâmetros comuns, mas não um padrão definido entre as narrativas. A partir disso, passamos à análise propriamente, buscando compreender a construção, a criação dos significados e o caráter simbólico de cada narrativa que integra o projeto Inumeráveis.

Foram quatro movimentos realizados durante a análise: o resumo de cada texto, seguindo a ordem cronológica; a busca de compreender os significados desses textos, observando nas narrativas o processo de construção da memória e o trabalho de luto, conceitos basilares de nossa pesquisa. Num terceiro movimento buscou-se identificar, caracterizar e entender a construção dos personagens, e, por fim, a tarefa de apontar o plano de fundo, ou a “moral” da história, que guia as narrativas.

Buscamos também localizar as marcas textuais que indicassem um esforço de rememoração<sup>17</sup>, da trajetória de vida da pessoa, algo bastante presente em alguns casos, ao se relembrares momentos marcantes. Em outros relatos, especialmente nos mais curtos, esse aspecto era mais sutil, embora fossem identificadas marcas de memória em todos eles. Observa-se uma reflexão interessante, que o destaque feito pelo familiar, esposa, filhos, netos, sobrinhos do homenageado aponta sempre para aquilo que foi memorável na vida da pessoa que se foi, ou seja, que sentimentos ela desperta naquele que dela se despede. Assim, na maioria dos casos, a narrativa traça uma linha do tempo, fala sobre a jornada de vida, fatos do passado de quem partiu. As

---

17 Procuramos por marcas de memória e luto como “foi peça-chave na demarcação de territórios do Médio Tapajós” e “deixa saudade e também uma herança de muita sabedoria” que recuperam a trajetória do personagem e mostram o legado que a pessoa deixou. Por conta do espaço, não foi possível colocar um exemplo da análise feita no trabalho de dissertação.

narrativas de amigos e colegas de trabalho se dedicam mais a falar da convivência, dos sonhos e da atuação profissional. São maneiras diferentes de construir a memória sobre a vítima, mas que sempre destacam aspectos louváveis, admiráveis, cheios de inspiração.

Assim também observamos as marcas textuais do trabalho de luto, presente em diferentes momentos da narrativa, como a adjetivação, quando as palavras falam de falta ou saudade, ou na consternação da perda, especialmente dos jovens ou das pessoas que não tiveram chance de lutar contra o coronavírus. Algumas narrativas mostraram um certo consolo, uma aceitação maior sobre a perda, numa elaboração do luto se realizar. A dificuldade maior em aceitar a perda é mais evidente entre os que perdem os entes queridos mais próximos, surgindo também a dificuldade de se falar sobre a pessoa, o que se percebeu também nos textos mais curtos e abstratos.

Ao se referir à construção dos personagens em torno das vítimas homenageadas, Motta (2013), aponta a complexidade gerada no processo de tornar a pessoa real em “figura de papel” ou “persona”. O autor ressalta que ao analisarmos os personagens temos que compreender que não se trata de pessoas reais, são apenas o referencial e que observamos nas narrativas as “figuras fabricadas pelo discurso” (Ibidem, p.188). Por isso, ressaltamos que, certamente, as pessoas retratadas nos textos são muito mais do que números e muito mais do que a nossa tentativa de categorização. Cada história de vida é única e imponderável. Por isso, aqui trabalhamos com o que a construção narrativa de personagens nos indica sobre luto e memória, sobre o que nos revelam a respeito de sentidos comuns compartilhados sobre as vítimas, apontando-nos a diversidade da própria sociedade brasileira.

Desde as primeiras aproximações com os “textos-tributo” do Inumeráveis percebemos a presença de certos padrões na construção dos personagens pelas narrativas. Notamos que alguns textos destacam a vida em família; outros, a profissão; outros, a fé; outros ainda, a identidade regional, enfim, identificamos que, em geral, há a construção de personagens familiares com o imaginário de quem as produziu, como a mãe amorosa e o homem de família. Fizemos várias leituras para conhecer e reconhecer esses padrões até chegar a alguns tipos de construção de personagens, quais sejam: o guerreiro indígena; o homem de família; a mãe amorosa; a mulher forte; o amigo de todos; a que amava a vida; o (a) jovem sonhador (a).

Nesses padrões percebemos que se destacaram características de fácil assimilação e reconhecimento por serem reproduções do senso comum de algumas figuras como a mãe e o homem de família. É importante apontar que os

relatos dizem muito sobre como cada pessoa enlutada via seu familiar/amigo, e como queria que essa pessoa fosse vista e lembrada. A força e a superação de obstáculos também foram pontos compartilhados em muitas narrativas, destacando a força da mulher trabalhadora, além de valores como solidariedade e doação aos amigos e família.

Entre as 26 narrativas analisadas, um dos padrões que nos chamou a atenção, ao identificarmos a construção de líderes indígenas enquanto personagens. Foram representados (um indígena de etnia munduruku e um outro da etnia ticuna) e caracterizados pela sua bravura, pela luta por seu povo, seguindo características de herói. Trata-se de algo bastante significativo se pensarmos o contexto político de ataque aos povos indígenas cometido pelo governo Bolsonaro, e da crise humanitária vivida pelo povo Yanomami<sup>18</sup>, na certificação de terras para fazendas em territórios indígenas<sup>19</sup> e pela extração de madeira<sup>20</sup> no garimpo ilegal<sup>21</sup>.

Por fim, o quarto movimento, ao apontar a “moral” da história, ofereceu-nos uma tarefa mais difícil, pois nem sempre era evidente a presença de um plano de fundo nos depoimentos. Em algumas ocasiões, as narrativas tinham um teor mais social, político, em outras se vislumbrava uma lição de vida, um conselho, outras, ainda, eram compostas de depoimentos da própria vítima, em vida; no entanto, alguma mensagem era identificada em cada uma delas. Dois aspectos que, sem dúvida, despontam em todos os textos, não apenas na narrativa em si, mas no próprio projeto, são: conscientização e empatia. Se pensarmos no contexto originário do Inumeráveis, fica evidente o objetivo de alertar as pessoas sobre a letalidade da doença, mostrando que de fato as mortes estavam acontecendo em todas as regiões do Brasil, entre pessoas de todas as idades, pessoas reais. Segundo Edson Pavoni (2020), o projeto pretendia mostrar o que nos une enquanto indivíduos, o que nos conecta, o que era

---

18 Governo Bolsonaro escondeu crise humanitária de indígenas em reunião na ONU: <<https://noticias.uol.com.br/columnas/jamil-chade/2023/01/28/governo-bolsonaro-escondeu-crise-humanitaria-de-indigenas-em-reuniao-na-onu.htm>>.

19 Governo Bolsonaro certificou 239 mil hectares de fazendas dentro de áreas indígenas: <<https://apublica.org/2022/07/governo-bolsonaro-certificou-239-mil-hectares-de-fazendas-dentro-de-areas-indigenas/>>.

20 No fim do mandato, Bolsonaro libera exploração de madeira em terras indígenas, inclusive por não indígenas: <<https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/12/16/no-fim-do-mandato-bolsonaro-libera-exploracao-de-madeira-em-terras-indigenas-inclusive-por-nao-indigenas.ghtml>>.

21 Bolsonaro cumpre promessa e garimpo em terras indígenas cresce 632% em uma década: <<https://observatoriodamineracao.com.br/bolsonaro-cumpre-promessa-e-garimpo-em-terras-indigenas-cresce-632-em-uma-decada/>>.

nítido nas narrativas ligadas às pessoas comuns, pessoas com características de fácil identificação em qualquer família, entre os amigos, no trabalho; e isso acabava gerando empatia e conscientização.

A partir de cada narrativa de luto que constrói um personagem, há o compartilhamento de uma pequena mensagem, que homenageia e honra a história de vida da vítima colocada então em um lugar de celebração da memória, de valorização da vida. É preciso ressaltar que os personagens foram construídos com o que havia de melhor em cada um, sendo enaltecidos os seus valores, representadas as suas famílias, seus amigos e, de alguma forma, uma parcela do povo brasileiro enlutado.

### Considerações Finais

Por seu caráter transdisciplinar, o projeto Inumeráveis abre inúmeras outras discussões que não pudemos explorar neste artigo, como a questão algorítmica das mídias sociais digitais, as interações em comentários e compartilhamentos, ou a própria questão do memorial estar ancorado em um meio digital, privado, pertencente a uma empresa que visa ao lucro, e sobre a qual se tem pouco controle em termos do que é veiculado (sobretudo o Facebook e Instagram).

Além disso, é necessário dizer que o Inumeráveis significou a chance de se homenagear muitas vítimas da Covid-19, embora em números distantes do total dos óbitos, já que as pessoas cujas histórias foram conhecidas através do projeto representam uma parcela muito pequena da população que realmente foi afetada pelo vírus tão letal. Quem tem acesso à internet e pôde enviar o seu relato, ou mesmo viu seu luto ser abraçado por outras histórias é, de certa forma, privilegiado, se considerarmos a profunda exclusão tecnológica, social e econômica vivida no Brasil, de forma ainda mais agravada durante a pandemia. Muitas histórias ficaram por contar, muitas pessoas enlutadas não foram acolhidas ou nem mesmo puderam viver o seu luto.

É importante compreender que nossas análises, tanto em relação à arqueologia das mídias quanto voltadas para uma crítica da narrativa, são complementares e estão em conexão. Falar da estética minimalista que foca em símbolos nos traz a questão do ritual de homenagear e de pensar nas vítimas pela dimensão da infinitude. Isso se conecta com a vontade de honrar a memória de cada vítima e, de algum modo, materializá-las em narrativas. O desejo de significar a morte através de rituais é antigo, como aponta Morin (1973), mas é necessária a adaptação dos ritos através dos tempos e das situações extremas como a pandemia.

Familiares e amigos elaboraram o luto, mas um luto diferente, inicialmente, sem contato, sem acolhimento, sem rituais tradicionais de despedida. Uma elaboração de luto que se apoia em plataformas digitais e em um projeto de memorial que se propõe a ser esse lugar de celebração da vida dos que se foram, de elaboração de um luto que acontece coletivamente. Um projeto coletivo porque os textos de homenagem estão no mesmo lugar ao mesmo tempo, porque através das mídias sociais digitais se permitiu a troca de afetos, um acolhimento que não era possível durante o isolamento social, mobilizando um sentimento conjunto de falta, de indignação, mas ao mesmo tempo de empatia e acolhimento. É reconfortante ver a publicação da história do seu ente querido; é também valoroso receber condolências, apoio, abraço nas interações, mesmo que de forma virtual.

A materialização da perda ajuda no trabalho de luto (FREUD, 1917), auxilia na elaboração da despedida. O que já era um processo difícil, a morte torna-se ainda mais penosa sem o contato com outros familiares, com amigos, pois o velório também é um momento de se contar as histórias de quem partiu, relembrar bons momentos com a pessoa que se foi, e nessa troca há um conforto, um apoio mútuo. A narrativa proposta pelo Inumeráveis não é apenas a de história de vida, mas uma prosa poética cheia de afetos e sensibilidade que comove, gera empatia e faz o luto ser compartilhado por quem lê. Além disso, essa narrativa, quase incomum em tempos do uso massivo de vídeos e fotos, se conecta com a reflexão teórica sobre a escrita como a maior mídia de memória (ASSMANN, 2011). O texto, além de configurar a própria sensibilidade, auxilia no trabalho de luto, permitindo materializar o que seria “imaterializável”, ou seja, permite que as pessoas vivam através de personagens construídos nas narrativas.

Mesmo que a rotina tenha voltado e apesar de se falar no fim da pandemia, as mortes nunca cessaram. Em novembro de 2023, quando concluímos o artigo, as mortes por Covid-19 no Brasil bateram o patamar de 707.286. Dada a continuidade das implicações da doença, o trabalho do memorial também não teve fim e segue prestando homenagem às vítimas, com novos textos e novas postagens nas mídias sociais digitais todos os dias. Assim, o projeto Inumeráveis toma para si o dever de consolar um país arrasado pelo coronavírus, pelo negacionismo e pela falta de assistência do governo federal, e com isso, também imortaliza a vida de tantas vítimas no seu memorial.

A partir de um deslocamento temporal (desde o início, incluindo a situação crítica dos casos de Covid 19), fica a pergunta: o que queremos e podemos lembrar do que nos ficou da pandemia? O que permanece da vivência

individual e coletiva desse processo? Ter experimentado a morte de perto (de maneira coletiva e tão expressiva) poderia ter nos ensinado muito mais, especialmente quanto a nossa relação com os outros e com o planeta. Ainda que esta expectativa tenha ficado distante, projetos como o Inumeráveis indicam a importância de um senso de justiça e o dever de rememorar as vítimas para que nunca sejam esquecidas (RICOEUR, 2007), para que a pandemia não seja esquecida, para que a negligência do governo Bolsonaro não seja jamais esquecida. O projeto Inumeráveis torna-se a partir dessas premissas não apenas um local de memórias individuais e familiares, mas em um espaço de memória nacional, de memória política (ASSMANN, 2011; NORA, 1993). O Inumeráveis efetivamente tomou para si o dever de ajudar e consolar um país arrasado pelo coronavírus, pelo negacionismo e pela falta de assistência do governo federal, adicionando novas camadas para o lento e complexo trabalho de luto.

## Referências

- ASSMANN, A. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- ASSMANN, J. Memória comunicativa e memória cultural. **Revista História Oral**, vol. 19, n. 1, Jan./Jun. 2016, p. 115-127. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>>. Acesso em: 14 out. 2023.
- CAPUTO, R.F. O Homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Saber Acadêmico (Online)**, v. 6, p. 73-80, 2008. Disponível em: <[https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20180403124306.pdf](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180403124306.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- CAVALCANTI, A.K.S.; SAMCZUK, M.L.; BONFIM, T.E. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Psicólogo inFormação**, v. 17, n. 17, p. 87-105, 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-88092013000200007&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-88092013000200007&script=sci_abstract)>. Acesso em: 19 dez. 2022.

- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Teoria do luto em psicanálise. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, v. 8, n. 2, p. 28-42, 2019. Disponível em: <<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/226>>. Acesso em: 19 fev. 2023.
- FISCHER, G.D. I don't wanna be buried in an app sematary—reflexões sobre arqueologia da mídia online entre histórias de aplicativos derrotados. In: **VII Simpósio Nacional da ABCiber**, 2013, Curitiba. VII Simpósio Nacional da ABCiber Compartilhamento e a Criptografia de Informações, 2013. Disponível em: <[https://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo\\_8\\_Imaginario\\_Tecnologico\\_e\\_Subjetividades/26021arq70583358004.pdf](https://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_8_Imaginario_Tecnologico_e_Subjetividades/26021arq70583358004.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2023.
- FREIRE, M.C.B. **O som do silêncio: isolamento e sociabilidade no trabalho de luto**. Natal/RN: EDUFRN - Editora da UFRN, 2006. 206p .
- FREUD, S. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In:\_\_\_\_\_. **A história do Movimento Psicanalítico**, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.
- HINE, C. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Huntington, 2015.
- HUHTAMO, E.; PARIKKA, J. **Media Archeology: Approaches, Applications, and Implications**. Berkeley, California: University of California Press. 2011.
- LE GOFF, J. História e memória. **Tradução de Bernardo Leitão [et al.] – Campinas (SP): Editora da UNICAMP**, 1990. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2023.
- MARTÍN-BARBERO, J. Introducciones a De los medios a las mediaciones. In: RINCÓN, O. (org.). **Pensar desde el Sur**. Reflexiones acerca de los 30 años de De los medios a las mediaciones de Jesús Martín-Barbero. Bogotá: Fescomunicación, 2018. p.16-54. Disponível em: <<https://www.franciscosierrecaballero.net/libros/pensar-desde-el-sur-martin-barbero/>>. Acesso em: 24 set. 2022.
- MORIN, E. Sapiens-demens. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Lisboa: Publicações Europa América, 1973. 93-111p. Disponível em: <<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1591>>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- MOTTA, L.G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v. 17, p. 36, 2013.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares” in **Projeto História**, PUC, São Paulo, n.10, p.7-29. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 12 out. 2022.
- NUNES, M.R.F Memória, consumo e memes de afeto nas cenas cosplay e furry. **Contracampo**, v. 35, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17565>>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

SILVA, L.A.P; BASEIO, M.A.F Narrativa(s) como estratégia(s) de comunicabilidad. In: JACKS, N.; SCHMITZ, D., WOTTRICH, L. (Org.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. 1.ed. Quito: Ciespal, 2019, v. 1, p. 161-185. Disponível em: <<https://ciespal.org/descarga-un-nuevo-mapa-para-investigar-la-mutacion-cultural-dialogo-con-la-propuesta-de-jesus-martin-barbero/>>. Acesso em: 24 nov. 2022.

TELLES, M. Des/Re/Escrevendo a história dos meios de comunicação: quatro contribuições a partir das Arqueologias das mídias. **Dispositiva**, v. 7, n. 12, p. 101-116, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/19235>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar. História, memória e política**. 1.ed. Lisboa, Portugal: Unipop, 2012.